

Desamparo e insegurança

4377
ROBERTO CAPUANO

A sensação de desamparo e insegurança cresce a cada dia dentro de nós. Vivemos um clima que já não é nem mais o do império da lei do mais forte, mas o do mais desonesto, do mais esperto. O cidadão comum está a cada dia mais desprotegido. Nas grandes cidades, hoje, há um verdadeiro exército paramilitar formado por guardas de segurança, indispensáveis para se tentar dormir tranquilo. Mas só os que podem pagar usufruem desta tênue proteção.

Chegou-se a um tal ponto, em termos de segurança, que o assaltado, violentado ou agredido nem sequer presta queixa, temendo represálias, evitando também perder tempo e dinheiro, pois a exemplo dos 60 mil mandados de prisão não cumpridos, sabe que há os presidiários de alta periculosidade soltos por falta de espaço. O sistema policial é mal remunerado e mal-equipado. A indisciplina e a impunibilidade no trânsito transformam ruas e estradas em palco para verdadeiros assassinatos. As filas duplas e triplas se disseminam, o estacionamento irregular atravanca o trânsito. Nas rodovias, o acostamento serve como pista de velocidade. E nada acontece.

Maus comerciantes e maus fabricantes de todos os níveis e tamanhos aproveitaram-se deste clima generalizado de irresponsabilidade para desrespeitar prazos de entrega, vender produtos com defeito, ou deteriorados, que vão desde o automóvel até simples bandejas de frutas em supermercados, nas quais sempre encontramos uma estragada e pagamos sem reclamar. Cada um de nós tem exemplos de situações como estas para contar. Sabemos todos também que, declaradamente, políticos negociam um mandato presidencial em troca de cargos e benefícios. Sistemáticamente, graves denúncias de corrupção em todas as áreas são anunciadas, os cofres públicos são assaltados por criminosos de colarinho branco e quando seus feitos ganham as manchetes, prometem-se "rigorosos inquéritos". E nada acontece.

Está cada vez mais difícil explicar a nossos filhos as vantagens da honestidade, da honra e da dignidade. Os meios de comunicação de massa mostram claramente que o mocinho só ganha nos seriados de televisão. Importados. Nos nacionais, inclusive nas novelas, vez por outra também perde. Mas a mesma televisão mostra diariamente corruptos virando he-

róis, mostra que a contravenção, como por exemplo a do dinheiro estrangeiro no paralelo e no jogo do bicho, tem cotações diárias e seus operadores são figuras que merecem tratamento diferenciado. Claro está que a contravenção deixou de ser crime. Como deixou de ser importante ter palavra, pagar em dia, respeitar a lei, ser competente.

Vale mais um padrinho bem colocado e influente que um belo currículo. É difícil explicar às crianças essa nova teoria da relatividade. Honestidade é relativa, a ler é relativa, a honra e a dignidade são relativas, a competência e a credibilidade também. Um grande país e pequenos líderes. Levaremos muitos anos para consertar isso, se conseguirmos. Não podemos esquecer que as classes alta e média ainda têm meios de influência para defender-se, mas isto é literalmente impossível para a população de menor renda, que vai convivendo com as injustiças, acostumando-se a elas e, por fim, aceitando-as e praticando-as.

Nossa economia vertical, onde o rico é cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre, só vai intensificar a nossa aguda crise de lideranças. Hoje, significativamente, o acesso a cursos superiores só é possível às camadas de maior renda e é notória a deteriorização do ensino público, com educadores mal pagos e desestimulados. A curto prazo, no Brasil, teremos um sistema de castas mais definido que o da Índia. As classes de menor renda estarão condenadas a patamares culturais cada vez mais baixos. As classes mais favorecidas serão as únicas fornecedoras de novas lideranças. Alguns líderes surgirão via sindicatos ou associações, mas incultos e despreparados para competir com o poder econômico e a corrupção.

Trilhamos um caminho extremamente perigoso. A deterioração moral e política jamais ficou impune ao longo da história e sempre serviu como caldo de cultura para revoltas populares. Sempre encontramos organizações que se irão aproveitar desta situação para forçar transformações sociais e políticas radicais e indesejáveis. A grande maioria da população é formada por homens de bem, desanimados, entretanto, com o mau exemplo generalizado.

Antes da desagregação total é preciso que esses homens reajam, unam-se, denunciem, pressionem, organizem-se. Se não o fizerem, omitindo-se de seus deveres, serão responsabilizados pelo caos por gerações futuras.

(+) Roberto Capuano é empresário do setor imobiliário e presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis do Estado de São Paulo (Creci).